A IMPORTÂNCIA DA ROTINA NOS CENTROS DE EDUCAÇÃO INFANTIL (CEI'S)

MARIZA STEFANE SOLER

RESUMO
O presente artigo visa refletir sobre a relevância da rotina nos currículos das instituições responsáveis por promover a educação e o cuidado com a infância. Realizando uma revisão bibliográfica e a observação em Centros de Educação Infantil (CEI's), constata-se que as atividades programadas para o cotidiano das crianças são primordiais para o desenvolvimento individual e de valores coletivos. Deste modo, é imperativo problematizar se a prática rotineira prima pela liberdade, pelo senso criativo e pela crítica, favorecendo a autonomia e a reflexão, ou as pedagogias tidas como libertadoras apenas estão sendo absorvidas pelo capitalismo para perpetuar os axiomas ditados pelo sistema vigente. Partindo da argumentação exposta neste artigo baseada na pesquisa bibliográfica e de campo realizada, constata-se a necessidade de mais reflexões sobre a rotina enquanto categoria pedagógica para se aprimorar as práticas cotidianas nas referidas instituições, visando a promoção de atividades que realmente efetivem a lapidação do senso crítico, coletivo, exercitando a liberdade, e verdadeiramente favoreçam a autonomia dos educandos.
PALAVRAS-CHAVE: Rotina; CEI's; Prática pedagógica.

INTRODUÇÃO

Partindo da observação em Centros Educacionais Infantis (CEI's), este artigo visa refletir sobre a rotina rígida nestas entidades, problematizando a função das atividades diárias neste espaço. Neste contexto, seria possível desenvolver a autonomia dos alunos?

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a rotina é um aspecto relevante na organização das atividades para crianças de creche e pré-escolas. Para os alunos se situarem no tempo, oferecendo segurança quanto aos fatos cotidianos, por isso uma rotina bem organizada é fundamental. Ademais, artigos apontam a rotina como uma categoria central da pedagogia, participando de todos os âmbitos do cotidiano institucional.

A relevância da rotina no ambiente da educação infantil reside em sua presença tanto na teoria quanto na prática desta modalidade pedagógica.

Desta forma, o presente artigo realiza uma pesquisa bibliográfica e de campo com o objetivo de refletir sobre a importância da rotina para a organização do currículo na educação infantil, estabelecendo prioridades que favoreçam o aprendizado e a livre expressão, apresentar aspectos relevantes observados na pesquisa de campo em Centros Educacionais Infantis (CEI's), ressaltar a importância desta rotina ser voltada exclusivamente para a criança com respeito a sua individualidade, e demonstrar como o assistencialismo pode prejudicar o desenvolvimento e a qualidade nestas instituições.

Deste modo, evidencia-se a necessidade de conceitualizar e contextualizar a rotina em seu sentido mais amplo, visando aplicá-la na educação, e assim, denotá-la a partir de uma proposta pedagógica que favoreça o desenvolvimento e a autonomia dos educandos.

HISTORICIZAÇÃO

Para se compreender o cenário educacional atual, faz-se necessário traçar uma linha histórica com os pensamentos e os marcos que envolveram o setor no decorrer do tempo.

O DESPREZO À INFÂNCIA: DA ANTIGUIDADE ATÉ O SÉCULO XVIII

De acordo com Rizzo (2010) em sua obra Creche: Organização, Currículo, Montagem e Funcionamento, no período da Antiguidade até meados do século XVIII, o conceito de infância, foi ignorado e desprezado pela sociedade. A criança era tratada como miniadulto, no qual suas travessuras e curiosidades foram repudiados e muitas vezes tratados como a representação do mal. Conforme Rizzo (2010, p.22), "As crianças, dizia-se popularmente, "são o capeta em forma de gente"'. O descaso e a violência à criança eram apoiados pelo Estado e pela Igreja, visto como forma de disciplinar. Também não havia qualquer respeito pela criança e pela mulher,

o aborto e o abandono eram vistos como naturais e solucionadores de "problemas". As moças de famílias mais abastadas colocavam seus filhos rejeitados na "roda", um convento onde o bebê era colocado na porta giratória e a mãe rodava a criança para dentro do prédio e nunca mais iria ver seu filho. Esta era a maneira de resolver a vergonha de ser mãe solteira.

A mortalidade infantil muito alta na época também era desprezada pela sociedade, e todos se conformavam, afinal, Deus as levava, mais um problema camuflado pelo poder da Igreja. Não havia qualquer indicio de medicina voltada à infância, pois nenhum médico de nome respeitado perderia tempo com febres, vômitos e diarreias, típicas doenças infantis, para isso havia curandeiras, com seus chás e rezas. Ao se deparar com a alta mortalidade a sociedade passa a tentar solucionar o problema, mas não no intuito cientifico de pesquisar as causas em prol da infância, mas no sentido de mão de obra, afinal, quem iria arar a terra e quem seria o soldado no período da guerra? Visão que evidencia o problema do trabalho infantil que era recorrente na época.

Contrariando a visão da época, surge movimentos como o pensamento de Rousseau dizendo que a criança nasce boa e quem a corrompe é o ambiente no qual está inserida. Embora muito devesse ser mudado, surge uma possível visão de infância.

UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A ROTINA

O tema da "rotina" apresenta imensa complexidade e relação com outros fatores. Barbosa (2006) em seu livro "Por Amor e Por Força: rotinas na educação infantil", citando Cunha, ressalta que os primeiros registros dessa palavra aparecem na alta Idade Média, possivelmente no século XV, na França. "No antigo francês "route", palavra que se deriva do latim vulgar" "rupta" (rota). Na língua portuguesa, seu registro data o ano de 1844. A autora expõe que apesar de as rotinas existirem a muito tempo, só foi aparecer na linguagem das pessoas em meados do século XVII. A etimologia do termo oriunda do latim traz uma conotação de caminho, meio ou rumo, a qual pode se vincular a ideia de um percurso já conhecido ou familiar. Além disso, também se relaciona à sequência de fatos ou pensamentos mecânicos ou sem reflexão, os quais se repetem cotidianamente. Embora a repetição de ações cotidianas antecede a origem do termo rotina, reflete-se sobre a organização das práticas diárias, buscando o entendimento deste fator no campo educacional, e assim podermos visualizar a pertinência e emergência desse tema.

O termo rotina começou a ter o sentido atual, a partir da constituição da palavra propriamente dita, bem como os fatos sociais que ela denomina. Mesmo sem intenção de se aprofundar, de se detalhar à cerca do tema rotina, Barbosa (2006) explica que as práticas educacionais conectam a teoria e a ação nos diferentes campos de ação e do conhecimento, levando em conta o contexto social e demonstrando a relação entre criação e criatura.

Recorrendo-se à história, é possível entender como as rotinas chegaram ao campo da educação, pois embora alguns processos que ocorrem de forma habitual aparentem ser tão próprios das instituições, corroboram para a manutenção do status quo.

Deste modo, observa-se que no passado, as instituições religiosas se organizaram de forma rigorosa desde o crescimento do cristianismo no século IX. Houve na Idade Média um início de uma profunda separação entre religiosos e pessoas comuns, que eram submetidas a treinamentos e formação básica. As igrejas organizaram cursos de formação para seus postulantes, os quais contribuíram para a transição do mundo secular para o mundo espiritual. O filósofo Weber citado por Barbosa (2006) explica que práticas como o jejum, a confissão e a penitencia promovida pela igreja visavam a negação dos prazeres terrenos por parte dos aspirantes à vida espiritual.

Partindo do pressuposto de que nas instituições religiosas, tudo deveria ocorrer ordenadamente e previsivelmente, a rotina era essencial na organização da vida coletiva diária.

Esta doutrina rígida é verificada na Companhia de Jesus de Inácio de Loyola, valorizando a visão estratégica. Este fato influencia a contrarreforma europeia e a formação educacional e social brasileira. Segundo Barbosa (2006, p. 49-50):

Se os exercícios espirituais significavam a disciplina pessoal – do corpo e da mente-, as Constituições eram o lugar em que a disciplina coletiva, as relações hierárquicas, as obrigações e as rotinas de vida em grupo eram apresentadas. Apesar de ainda não terem uma promulgação oficial, as Constituições já eram conhecidas e aceitas por todos os jesuítas.

Para Turner citado por Barbosa (2006) afirma que as disciplinas e as regulações da família, das escolas e das fábricas, historicamente, estão enraizadas na redistribuição das práticas dos monastérios, influenciando diversos aspectos do cotidiano como os princípios de limpeza do corpo para economizá-lo e a abstinência sexual, que permearam a vida dos cristãos capitalistas. Conforme Barbosa (2006, p. 51) "(...) No processo de secularização do manejo corporal, o desejo deveria ser racionalizado e regulado por rotinas."
Estes indícios indicam que as rotinas atualmente encontradas nas creches e pré-escolas foram fundamentadas pelas religiões cristãs. Fato verificável a partir das rotinas pessoais secularizadas que haviam sido criadas nos monastérios e adentrou ao mundo das instituições modernas em sua totalidade, principalmente às educacionais.
Passado o período de disputa religiosa na Europa, em que as igrejas usavam as artimanhas da ação política atravessando as fronteiras catequizando os infiéis do Novo Mundo com as missões ou criando internamente táticas para colonizar as crianças europeias, as estratégias mudam devido a história do homem agora ser explicada pela ciência. Assim, no período do iluminismo, século XVIII, a sociedade é analisada por estágios de desenvolvimento que se compara aos estágios de desenvolvimento humano.
Na evolução social, em que o modelo europeu, em teoria, criado para ser superior aos outros, sai em missão civilizatória, gerando uma artimanha para dominar os outros povos. Observa-se a mesma lógica para educar as crianças, priorizando a salvação de suas almas.
Nessa época, muitos moralistas criaram manuais, orientando o modo de educar os filhos, dentre eles, destaca-se Erasmo de Roterdam como um expoente deste pensamento, o qual argumentava que os jovens e as crianças deveriam internalizar as normas de condutas sociais para praticá-las na própria vida. Neste contexto, Barbosa (2006, p. 54) expõe que "... Rousseau inaugurou um período histórico, no qual a educação dos filhos deixava de ser uma prática com base apenas na tradição para tornar-se um projeto pessoal, ou familiar, tendo em vista a produção de um novo ser humano para uma nova sociedade." Partindo desta visão, busca-se um método para educar as crianças, surgindo instituições, onde as crianças eram educadas e suas famílias eram controladas, e consequentemente a sociedade como um todo.
A educação não se guiava mais somente pela moral, pois ouvia-se também o discurso da ciência, no qual o controle e a aprendizagem podem ser guiados através de rotinas específicas, instituídas por poderes laicos, os chamados estados- nações, os quais tiverem como cobaias, em especial, as crianças, as mulheres, os loucos, entre outros grupos sociais.

O SURGIMENTO DA CRECHE COMO INSTITUIÇÃO ASSISTENCIALISTA

Chegando a meados do século XIX, no Brasil, período da monarquia e escravidão, o alto índice de crianças abandonadas ainda era assustador e a maior concentração da população estava no meio rural. Alguns indícios de proteção à criança também eram comentados pelas autoridades brasileiras, mas superficialmente. E começaram a surgir algumas instituições de ensino voltadas para educação infantil.
Sobre esta questão, Oliveira (2007) expõe que no início do século XX com a proclamação da República, com a estruturação do capitalismo e devido a crescente urbanização surgem algumas creches no Brasil. Seguindo modelos europeus, surge os chamados "jardins-de-infância", porém o objetivo didático não era o foco institucional, pois estas entidades visavam diminuir a alta mortalidade infantil.
As visões de educação e de proteção à infância não se concretizavam, gerando alguns movimentos de proteção à infância, porém mantinham a desigualdade social em

suas teorias. Nestes movimentos e discussões, origina-se a visão de educação infantil de assistencialista e compensatória, pois já se pensava cientificamente a assistência à criança. No entanto, esta mentalidade na educação não tinha interesse de emancipação intelectual, pois o foco era a saúde pública, conforme Oliveira (2007), o investimento priorizava o ensino primário.

O capitalismo mudava a estrutura familiar, mulheres passaram a deixar seus filhos e partir para as indústrias, Oliveira (2007) explana que com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, os filhos passam desde cedo a ficarem com cuidadoras diariamente, aumentando a mortalidade infantil devido às condições precárias de higiene e materiais, e também por fatores psicológicos como o afastamento precoce da criança em relação a mãe.

Com o aumento de mão-de-obra feminina nas indústrias na década de 1920, houve uma ampliação na oferta de creches e escolas maternais. Logo, educadores preocupados com a qualidade da educação criaram e apoiaram os movimentos de proteção à infância. Dentre estes movimentos em 1922, houve o Primeiro Congresso Brasileiro de Proteção à Infância, conhecido como "escolanovismo", visando transformar a educação brasileira.

Após muitas discussões sobre o tipo de cuidado que deveria se destinar às crianças que frequentam as creches, somente com a Constituição Federal de 1988, a educação infantil passou a ser um dever do Estado e o mesmo deveria garantir e proporcionar a educação como direito da criança e uma opção da família para crianças de 0 à 6 anos conforme Rizzo (2010, p. 42-43):

A vantagem da inclusão da creche dentro do sistema educacional foi a de, legalmente, tornar obrigatório às instituições que ofereçam atendimento a criança de zero à três anos de idade o objetivo educacional, que antes parecia ser facultativo, bastando a essas referidas instituições oferecer abrigo e comida e alguma distração, se tanto à sua clientela infantil.

Atualmente, as pesquisas apontam que o cuidado e o aprendizado infantil devem ser promovidos nos Centros de Educação Infantil, visando não só os cuidados físicos, mas um atendimento que contemple e reforce o cuidar-educar.

A visão do cuidar-educar concebe a criança de uma maneira integral, considerando aspectos físicos, cognitivos, afetivos, psicológicos, entre outros.

NOVO CONCEITO DE EDUCAÇÃO INFANTIL: O CUIDAR-EDUCAR E A VALORIZAÇÃO DO AMBIENTE

Ao longo da história, a educação infantil passou a ser amparada pelas leis e foi incluída pela Lei de Diretrizes e Bases 9394/96, no artigo 4º como dever do Estado e também educação básica de ensino para crianças de até 5 anos de idade. A partir desse pressuposto, conclui-se que a creche é um espaço de desenvolvimento individual, onde o educando promove suas descobertas em um processo de descoberta conduzido pelo professor.

Atualmente, estes cuidados ultrapassam as simples atividades do cotidiano como tomar banho, escovar os dentes, comer, etc, pois são vistas como experiências de aprendizagem para as crianças. Neste conceito, o educador que a acompanha, permite que estas atividades sejam ricas e prazerosas visando não só o cuidado em si, como também o desenvolvimento cognitivo que permeia essas ações rotineiras.

O Parâmetro Curricular Nacional para a educação infantil prevê uma abordagem que enxergue o aluno como ser autônomo, dotado de vontade e capaz de construir o próprio conhecimento.

Outro fator importante para os professores da educação infantil é no que diz respeito ao planejamento dos ambientes. Mediante à uma proposta pedagógica, tais ambientes tem que ser planejados de modo que tenha significado para a criança, promovendo assim o aprendizado e o desenvolvimento dos educandos. Em muitas instituições permanecem um modelo de proposta pedagógica que não estimulam em nada as crianças, pois os docentes não estão dispostos a mudar, fazendo com que esses ambientes se tornem desestimulantes e cansativos. A rotina acaba se repetindo todos os dias, sem o mínimo de criatividade por parte dos professores, por este motivo; ele deve estar comprometido com seu trabalho e planejar uma

rotina enriquecedora e estimulante, com isso irá alcançar os objetivos propostos, não se esquecendo de respeitar as diversidades e diferenças de cada criança.

Na perspectiva aqui exposta, os ambientes das creches são atualmente considerados campos de vivências e explorações, zona de múltiplos recursos e possibilidades para a criança reconhecer objetos, experiências, significados de palavras e expressões, além de ampliar o mundo de sensações e percepções. Deste modo, o ambiente funciona como recurso de desenvolvimento, e, para isso, ele deve ser planejado pelo educador, parceiro privilegiado de que a criança dispõe.

A criança, desde cedo, reconhece o espaço físico ou atribui-lhe significados, avaliando intenções e valores que pensam ser-lhe próprios. Daí a importância de organizar os múltiplos espaços de modo que estimulem a exploração de interesses, rompendo com a mesmice e o imobilismo de certas propostas de trabalho de muitas instituições de educação infantil.

Assim, discutir um planejamento de rotina que não seja tão cansativo e repetitivo para as crianças, se faz necessário pensar que além dos materiais adequados, professores com formação adequada e ambientes organizados, é preciso também priorizar brincadeiras livres. O compromisso individual que cada professor precisa ter com o seu trabalho e os objetivos que pretende alcançar são fundamentais. Para isso, é preciso estar atento às diversidades e diferenças que acompanham a cada uma das crianças atendidas nas instituições de educação infantil.

O QUE SE ENTENDE POR ROTINA

Muitas vezes, quando buscamos a origem de um conceito, é comum acreditar que o mesmo, também tenha surgido inicialmente com a prática social, mas na verdade não ocorre assim. Quando se busca a emergência de uma palavra, não significa que se encontrará a origem de sua existência juntamente com a prática social. Dessa forma, pode-se afirmar que nem sempre um termo permanece com o mesmo sentido ao longo dos tempos. De acordo com Barbosa (2006), as palavras e as coisas adquirem novos sentidos constantemente.

Refletindo sobre tais argumentos, as práticas atuais encontram sentido no passado. É possível que ao pesquisar a etimologia dos termos, se verificará que as palavras são apenas artifícios, um reflexo da verdade, mas que no limite jamais traduzirá com exatidão o que está por detrás da palavra propriamente dita. Ao se contextualizar os significados como um acordo social em determinada época, em determinada cultura, verifica-se o desuso ou a transformação de sentidos que perpetua os termos. Assim ocorre com palavra “rotina”, a qual segundo Barbosa (2006, p. 35), “(...) As denominações dadas às rotinas são diversas: horário, emprego do tempo, sequência de ações, trabalho dos adultos e das crianças, plano diário, rotina diária, jornada, etc.”

Nas ações educativas das creches e pré-escolas, sempre poderá ser observada uma rotina de trabalho, as quais na maioria das vezes são normalizadas pelo sistema de ensino ou em outros casos, pelos técnicos ou burocratas de repartições, outras ainda, pelos diretores, professores, supervisores e demais profissionais da instituição.

Existem certos fatores que são condicionantes dos modos de organizar a rotina, pois pode-se dizer que são a base ou senão, inerentes a ela. São eles: os horários de entrada e saída das crianças, os horários de alimentação, e até mesmo a jornada dos funcionários. Segundo a autora acima citada, são condicionantes pelo fato de que em questões legais e administrativas, são básicas para a construção das regras de funcionamento institucionais e mesmo que não sejam levadas em consideração, acabam por serem fatores determinantes. Refletindo esta afirmação, o horário do recreio, por exemplo, jamais poderá ser mudado em função seja lá do que for que se cogite em prol de uma necessidade, ainda que seja de suma importância, pois a linha do tempo dentro da instituição condiciona as ações planejadas. Tanto as crianças, quantos os adultos, estão submetidos a esse condicionamento.

Barbosa (2006) expõe que conforme a literatura, a presença da rotina serve como modelo e sugestão para se organizar o trabalho pedagógico do educador, mas em geral, não são teorizadas. Assim, pode-se dizer que dentre as sugestões existentes, não são

observadas explicações sobre os porquês que determinadas atividades, materiais, horários para os mesmos são selecionados de forma específica. Barbosa (2006) explana que a rotina se torna apenas um esquema que orienta o que se deve fazer conforme a necessidade do momento.
O termo "rotina" é tratado de forma indireta, desde os textos fundadores da educação infantil, como os de Rousseau, Pestalozzi, Froebel e Maria Montessori, pois tais autores não usam a palavra "rotina", mas sim, "hábitos", "atividades de vida diária", enfim, a palavra rotina é observada nos textos mais contemporâneos de educação infantil. Deste modo, demonstra-se a importância da rotina na pedagogia no trecho de Barbosa (2006, p. 36):

Como todas as noções, a palavra rotina, surgiu no momento em que parecia ter-se tornado útil para nomear práticas que estavam constituídas socialmente. Explicar a existência de uma categoria pedagógica a seu modo de operar é uma atitude importante, pois tendo certa visibilidade, ela se torna mais consistente e passível de análise, crítica e transformação.

É importante que estabeleçamos uma diferenciação entre o termo rotina e cotidiano, muito embora tenham, em termos, sido tratados como sinônimos até aqui. É no cotidiano que as rotinas são organizadas, porém o cotidiano é muito mais abrangente e se refere a um espaço-tempo fundamental para a vida humana. É no cotidiano que ocorrem as atividades rotineiras, repetitivas, mas não se encerram nas mesmas, pois o inesperado também pode acontecer, dando espaço para possíveis inovações. Dito isso, a rotina nada mais é que um dos elementos que compõem o cotidiano.
É na vida cotidiana e na sua prática que se adquire todas as habilidades, os conhecimentos e as práticas imprescindíveis para vivermos a vida em sociedade. A importância da repetição de fatos é demonstrada por Critelli citado por Barbosa (2006, p. 38):

"... o modo (único e possível) de o homem viver e realizar as suas atividades", os atos rotineiros, os hábitos, a solidez, a persistência e estabilidade das mesmas coisas e a repetição dos mesmos fatos que povoam nossos dias e que, por isso mesmo, revestem-se de um aparente aborrecimento, acabam por ganhar um caráter de opressão, sob o qual tudo se estanca e desvaloriza. (...)

Tendo feito todas essas considerações, é possível pensar a rotina como um fator que deu conta de organizar a vida em sociedade e se a vida em sociedade foi organizada, e também refletir sobre as instituições que a legitimam. Deste modo, o capítulo que se segue tratará de analisar as entidades voltadas para a educação das crianças.

A IMPORTÂNCIA DA ROTINA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Refletindo sobre as atividades diárias, é possível verificar a contribuição da rotina para a emancipação intelectual da criança e principalmente no respeito à especificidade de cada uma.
Se atualmente o conceito de educação infantil é cuidar e educar, a rotina e seus eixos devem ser planejados para uma constante estimulação de descobertas e conquistas, precisando ocorrer em um lugar prazeroso de estar. A necessidade de que a creche deve ser um espaço de prazer é demonstrada por Rizzo (2010, p.121), quando explana que "Creche deve ser um lugar bom de ficar, de brincar, de comer, de dormir e de crescer, o que inclui aprender, aprender muitas coisas úteis, coisas do dia-a-dia de qualquer criança."
Apesar da creche não conter avaliação somativa, a relação adulto/criança, a organização do currículo e suas rotinas são de suma importância para o desenvolvimento de valores, atitudes e personalidade das crianças. Esta relação adulto/criança precisa ser muito mais afetiva, do que avaliativa, enxergando o aluno como um ser em desenvolvimento conforme explana Rizzo (2010, p. 81-82):

O planejador não deve conceber a criança como somatório de intelecto e personalidade como partes fechadas e isoladas em si mesmas, mas sim compreendê-la como um indivíduo completo e integrado, em formação de sua personalidade, em que qualquer intervenção do meio deixará gravadas mar-

cas na sua maneira de ver, de pensar e de sentir.

Na busca por uma ação integrada que incorpore o cuidar e o educar de forma indissociável, é que o RCNEI, aponta metas de qualidade que contribuam para o desenvolvimento integral das crianças, cujos direitos à infância são reconhecidos.
Para tanto, a organização da rotina nas instituições de educação infantil deve criar condições para criança desenvolver capacidades como a autonomia, o desenvolvimento da identidade, a atenção, a memória, a imaginação, o respeito às regras entre outras. Neste sentido, a rotina traz condições para o desenvolvimento de tais habilidades tendo êxito quando planejada com intencionalidade e objetivos claramente definidos. Com foco na ludicidade, será uma condição essencial que valoriza a aprendizagem da criança. Segundo Barbosa (2006, p.37):

As rotinas podem ser vistas como produtos culturais criados, produzidos e reproduzidos no dia-a-dia, tendo como objetivo a organização da cotidianidade. (...). É preciso aprender certas ações que, com o decorrer do tempo, tornam-se automatizadas, pois é necessário ter modos de organizar a vida. (...)

Assim, a rotina é a base para organização da vida, é o fator que formará hábitos tanto na vida física quanto social. Deste modo, ao organizar a rotina, o educador precisa explorar a busca pela autonomia da criança que consequentemente terá mais segurança e autoconhecimento. A organização de horários para escovar os dentes, tomar banho, brincar ou se alimentar contribui na formação física e intelectual da criança, pois faz com que se adquiram hábitos, isto é, atividades que são permanentes e cotidianas. Deste modo, psicopedagogicamente, o educador contribuirá para promover a autonomia na perspectiva de que as próprias crianças aprendam o cuidado mútuo e promovam suas descobertas.
De acordo com o RCNEI, os Três Eixos da Educação Infantil – o brincar, o movimento e o conhecimento de si e do outro juntamente com o trabalho afetivo do educador, serão geradores de motivação. Portanto, faz-se necessário que o educador propicie oportunidades para que as crianças sejam capazes de, conforme Brasil (1998, p. 49):
- Ter uma imagem positiva de si, ampliando sua autoconfiança, identificando cada vez mais suas limitações e possibilidades, e agindo de acordo com elas;
- Identificar e enfrentar situações de conflitos utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade;
- Valorizar ações de cooperação e solidariedade, desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração e compartilhando suas vivências;
- Brincar;
- Adotar hábitos de autocuidado, valorizando as atitudes relacionadas com a higiene, alimentação, conforto, segurança, proteção do corpo e cuidados com a aparência;
- Identificar e compreender a sua pertinência aos diversos grupos dos quais participam, respeitando suas regras básicas de convívio social e adversidades que os compõe.
Se a creche é um espaço de socialização e contribuição para a construção da identidade e da autonomia, o planejamento de uma rotina e seus métodos precisam estar conectados aos Três Eixos da Educação Infantil, intervenções por parte do educador na construção do conhecimento da criança, e flexibilização da rotina conforme o caso.
Evidencia-se que a flexibilidade da rotina representa a adequação do plano em casos que exigem maior atenção ao aluno. Isso faz com que a rotina seja sua aliada no processo de aprendizagem, sendo a rotina um facilitador para o processo de ensino e aprendizagem.

A ROTINA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA DOMESTICAÇÃO DOS CORPOS

O cotidiano é a vida dos sujeitos por inteiro, e quando estes mesmos sujeitos estão inseridos nas instituições de educação infantil, a rotina esquematiza seus dias, organiza o tempo e os espaços, incutindo-lhes hábitos e atitudes ditos pertinentes a educação das mesmas. É necessário estimular a autonomia e a criatividade, visando o desenvolvimento individual. Neste sentido, a pedagogia tem a árdua missão de estimular e trabalhar as subjetividades em uma sociedade hegemônica que traz paradigmas consolidados.

Neste sentido, o questionamento a ideias preestabelecidas com reflexão é função do educador, pois conforme Barbosa (2006, p. 204):

É necessário fazer uma contínua crítica radical aos processos sociais de regulação, duvidando dos saberes instituídos, tentando pensar algo que não se pensava antes e perceber de modo diferente o que se vê como algo natural. É preciso como diz alguns antropólogos, estranhar o conhecido e conhecer o estranho. (...)
É interessante notar que os indivíduos usuários das rotinas assumem formas particulares de se apropriarem delas e de desempenharem as funções estabelecidas, embora as tarefas sejam as mesmas a todos, permitindo enxergar uma variedade no modo de fazer. Fato que confirma que os seres humanos dotados de diferentes habilidades e potencialidades para desenvolver de acordo com as respectivas aptidões. Para além das imposições sociais, é possível desenvolver as características marcantes da individualidade. As questões reflexivas sobre o tema residem na efetividade do discurso de respeito a todos no desenvolvimento das particularidades e na real adaptabilidade da rotina às necessidades dos alunos.
Problematizando a questão de as rotinas serem uma categoria necessária nas pedagogias de educação e cuidado, elas acabam por estarem presentes de forma excessiva no cotidiano abrangendo a totalidade do dia. Partindo destas informações, expõe-se que a construção dos conceitos, nos quais muitos educadores alicerçam suas ações dentro das instituições de educação infantil, se originou em uma nova visão de criança, elaborada, inicialmente, nos campos científicos, a qual se estendeu para a educação, influenciando a vida das mesmas. Assim, discursos foram criados para inserir determinadas rotinas nos ambientes institucionais, estabelecendo práticas didáticas para o dia-a-dia, organizando o tempo, os espaços e todos os fatores da educação.
O conceito das capacidades humanas baseia a discussão filosóficas sobre a educação, propriamente dita, e as formas de educar (pedagogia). Como toda reflexão aprofundada, a conceitualização das aptidões humanas e das respectivas formas de desenvolvimento é atravessada por outros fatores, no caso, a visão de mundo, a infância e a educação. Neste contexto, considerando a influência da teoria didática educacional na prática pedagógica, explana Barbosa (2006, p. 204):

Depois de tudo o que aprendemos nas ciências sociais no século XX é preciso que os educadores aceitem que os seres humanos constituem onde agem distintas forças e que nós, os educadores, não somos nada mais do que aquilo que os outros fizeram ou fazem de nós, e o que nós fizemos dessas influências.

Considerando a variação conceitual sobre a infância no decorrer da história e os diferentes discursos antagônicos, possibilitou-se o surgimento de propostas pedagógicas, as quais Barbosa (2006, p.191) chamou de "pedagogias explícitas e implícitas", é possível compreender o importante papel da rotina dentro das mesmas, sendo a explícita definida por regras de controle explícito e a implícita sendo o controle através da vigilância. A pedagogia implícita inclui a flexibilidade da rotina e as intervenções do educador no processo de construção do conhecimento da criança, pois o educando está exposto a uma constante vigilância do adulto que avalia cada comportamento com a finalidade de criar mecanismos de controle sobre os alunos. O filósofo Foucault (2009, p. 132) argumenta que "É dócil o corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado."
As pedagogias implícitas contribuem para o trabalho do professor, o qual observando as fases de desenvolvimento dos educandos, e mantendo uma vigilância sobre as crianças, pode traçar diagnósticos que orientam seus planos pedagógicos, os quais nortearão suas ações. O pensador Foucault (2009, p.133) explana que "Esses métodos que permitem o controle minucioso e as operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas". Deste modo, a observação docente e a repetição de atividades contribuem para a formulação de estratégias docente conforme expõe Bernstein citado por

Barbosa (2006, p.190) “O professor observa as ações das crianças, reflete sobre isso e propõe novas atividades.”
Embora a pedagogia implícita pareça ter um caráter participativo, considerando as características individuais, é apenas uma camuflagem do fortalecimento do capitalismo, o qual utiliza suas estratégias para dominar e controlar inclusive as crianças como expõe Barbosa (2006, p. 192):

(...) Correspondendo a este movimento da sociedade, passou-se de uma pedagogia visível, relativa às necessidades do capitalismo do início do século, à produção de discursos pedagógicos novos. Esse processo desencadeou mudanças também nas práticas pedagógicas, sendo possível observar tal evidência nas propostas da educação infantil.

As transformações sociais ocorridas ao longo do tempo impulsionaram as mudanças nas didáticas contemporâneas, visando atender aos interesses capitalistas, buscando formas mais eficientes para que a ordem social seja incutida nos cidadãos desde criança.
A grande crítica a ser feita sobre estas pedagogias se refere às atividades desenvolvidas por seus atores, que desarticuladamente desenvolvem seus trabalhos junto aos educandos, acarretando em um exagero de produções da parte dos mesmos, porém de maneira estéril. Barbosa (2006, p. 194) relata a cerca dessas afirmações, em sua pesquisa “(...) Não foi encontrada uma pureza na prática pedagógica; o que se verificou foi uma tensão permanente entre esses elementos acrescidos da dicotomia encontrada entre o ser e o dever ser, entre a intenção e a realização.”
Em suas pesquisas, Barbosa (2006) também relatou uma forte tendência da parte dos educadores nas interações com os educandos, atitudes que acarretavam em produzir indivíduos com qualidades muito parecidas; o que nos permite questionar é: é possível produzir liberdade quando mesmo com atitudes não intencionais, as mesmas acabam por colaborarem para o status quo?
Deste modo, constata-se a prática educativa, até mesmo na fase da infância, deve ser refletido em cada atitude dentro do ambiente institucional, pois, para se efetivar uma educação realmente libertadora, é necessário instituir a reflexão crítica em todos os momentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica, constatou-se que apesar de a rotina ser pouco problematizada nos ambientes de educação e nos cuidados com a infância, apresenta grande importância para a pedagogia que se busca aplicar, pois permite organizar a vida cotidiana nestes ambientes, tendo profunda participação na formação da subjetividade dos sujeitos.
Embora verifica-se pontos positivos e negativos da categoria “rotina”, salienta-se
que a intenção desta pesquisa é propor o abandono dos mecanismos de controle, permitindo a padronização dos sujeitos, como se observa no decorrer do percurso civilizatório, pois com base na história, evidencia-se que os sujeitos se constituem de acordo com aquilo que lhe é proposto. Assim, é vital que os educadores tenham consciência de cada atitude junto aos seus educandos, pois sempre é necessário refletir se os valores e conceitos das práticas pedagógicas realmente condizem com uma educação libertadora. Se os educadores partirem da consciência de seu trabalho como constituidor do ser humano, para estabelecer ações que rompam com a mesmice do cotidiano, estarão respeitando seus educandos e permitindo que haja um tempo de qualidade no ambiente, o qual as potencialidades poderão ser desenvolvidas, segundo as particularidades de cada um.
Ter problematizado a categoria rotina e em consequência disso, também fazer críticas aos conhecimentos científicos ditos verdadeiros e absolutos, podendo levantar dúvidas sobre os processos de socialização tanto nas instituições como na sociedade, é a função do professor enquanto educador na busca por uma sociedade mais justa, mesmo que essa busca signifique tornar visíveis as diferentes forças camufladas pelo sistema, colocando-se como sujeitos de nossa própria história, nos permitindo o benefício da escolha consciente.
É evidente que as instituições de cuidado e de educação infantil, para além de qualquer mudança, continuarão atendendo as crian-

ças dentro de uma visão hegemônica de sociedade, mas é possível educar com respeito, visando a transformação da rotina no cotidiano.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. C. S. Por amor e por força: rotinas na educação infantil. Editora Artmed, Porto Alegre, RS, 2006.

BRASIL. Ministério da educação e do Desporto. Secretaria de Educação. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil. Brasília: Ministério da Educação,1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 30 Jan. 2025.

BRASIL. Senado Federal. Conselho Nacional de Educação. Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 2017. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 30 Jan. 2025.

FOUCAULT, M.Vigiar e punir: Nascimento da prisão. 37. Ed. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2009.

OLIVEIRA, Z. R. Educação Infantil: Fundamentos e Métodos. 3. Ed. Editora Cortez, São Paulo, SP, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações Curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2007. Disponível em: https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/01/Orienta-Curriculares_ExpectativasAprendizagens_--OrientaDidaticas-Ed-Infantil.pdf. Acesso em: 30 Jan. 2025.

RIZZO, G. Creche: Organização, currículo, montagem e funcionamento. 6. Ed. Editora Bertrand, Rio de Janeiro, RJ, 2010.